

ENTREVISTA

RONALDO RAMOS LARANJEIRA

é graduado em Medicina pela Escola Paulista de Medicina e PhD em Psiquiatria pela Universidade de Londres (1994). Atualmente é Professor Titular do Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP; Bolsista de Produtividade em Pesquisa – Nível 02, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq; Coordenador da Unidade de Pesquisa em Alcool e Drogas – UNIAD; e Investigador Principal do Instituto Nacional de Políticas do Alcool e Drogas – INPAD, um dos recém-criados Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia – INCTs/CNPq.

No começo da década de 1990, o senhor concluiu o seu doutoramento na área de álcool e outras drogas no Instituto de Psiquiatria da Universidade de Londres. Nesses últimos 20 anos, quais os principais avanços na produção do conhecimento sobre drogas no Brasil e no exterior?

A grande diferença foi o começo da produção de conhecimento em alguns grupos baseados em várias universidades, como UNIFESP, USP, UNESP, UNICAMP, UFRGS, UFSC, UFF, UFPE, UFBA. São pequenos grupos, mas que têm uma produção razoável, voltado para a realidade brasileira. Quando se olha a produção de artigos no Brasil, nota-se claramente esse aumento de artigos e uma grande diversificação de interesses, que vão desde a pesquisa epidemiológica até a pesquisa de tratamento. São pesquisadores independentes que, na maioria das vezes sem financiamento, conseguem produzir bons estudos. Quando o financiamento existe, a qualidade aumenta muito. Não tenho dúvidas de que a limitação da quantidade e qualidade esteja relacionada com uma linha de fomento específica para a dependência química. Especialmente, financiamento de longo prazo. A falta de transparência também poluiu muito esse processo. A Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas - SENAD vem

financiando estudos onde não se faz um edital com transparência, nos moldes do CNPq, e isso tem gerado grande insatisfação, especialmente, entre pesquisadores de fora de São Paulo. A Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP tem financiado consistentemente essa área, embora não tenha uma linha específica para isso. Isso faz uma diferença, pois qualquer pesquisador pode solicitar não só verba para pesquisas, mas também para viagens, visitas de pesquisadores etc. Portanto, creio que o maior avanço, no Brasil, ocorreu com a melhora do retrato do problema que temos hoje em relação há vinte anos. São poucos os pesquisadores que tem um destaque internacional, mas localmente estamos com boa produção. No exterior, a área evoluiu muito, principalmente nos EUA, que são de longe a maior máquina de produção de conhecimento no mundo. Avançou-se muito nas bases biológicas da dependência química, na área de tratamento e na área de prevenção. A maioria das ideias novas e que tiveram impacto significativo vieram dos EUA.

Como avalia a contribuição das universidades públicas brasileiras na formação, integração ensino-serviço, pesquisa, prevenção e tratamento do uso indevido de álcool e outras drogas?

Ainda temos uma contribuição tímida, pois o que os pequenos grupos de pesquisadores estão fazendo, na maioria das vezes, não recebe o apoio institucional necessário e eles ficam sem inserção no contexto geral da universidade e sem inserção em qualquer tipo de política geral. Do meu ponto de vista, os grupos universitários precisariam receber um apoio substancial de

Quais os avanços obtidos com o reconhecimento pelo CNPq, em 2008, da Unidade de Pesquisa em Alcool e Drogas - UNIAD, como Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas do Alcool e outras Drogas - INPAD?

orgãos como o CNPq, CAPES etc. para constituir um grupo profissional com linha específica de ação. O ideal é que tivéssemos políticas de prevenção, de tratamento e de treinamento e que os grupos pudessem desenvolver a parte intelectual de todo esse processo. O problema é que o governo federal está completamente perdido nessa área e não tem um grande eixo de ação. O que foi feito recentemente pela SENAD, do meu ponto de vista, mais atrapalhou do que criou uma cultura de produção de conhecimentos consistentes.

O maior avanço para o meu grupo de pesquisa foi o fato de termos financiamento por um período razoável de quatro anos, com chances de serem extendidos por outros quatro anos. Isso cria uma sensação de estabilidade na equipe. Além disso, o CNPq nos dá certa flexibilidade de mudarmos algumas pesquisas e podemos ser mais criativos. Outro aspecto é que essa mudança de status científico acaba facilitando as parcerias internacionais. Nossa produção tem aumentado significativamente nesse período devido a esse clima mais favorável. A beleza desse tipo de financiamento do CNPq é que ele é flexível a ponto de financiar o primeiro mestrado profissional em Dependência Química, que estamos em fase de finalização. Creio que este curso poderá fazer algo que os norte-americanos chamam de transferência de tecnologia ou de conhecimento. Planejamos, na primeira turma,

priorizar colegas que já tenham feito um curso de especialização e que poderiam melhorar a sua formação com um mestrado na área, onde a ênfase seria no planejamento das principais ações de prevenção e tratamento.

Considerando que ainda há uma concentração na região sul-sudeste do país de recursos (humanos, materiais e financeiros) para o ensino, pesquisa, prevenção e tratamento do uso indevido de álcool e outras drogas, quais as iniciativas que deveriam ser tomadas para um maior desenvolvimento dessas áreas nas outras regiões do país?

Lógico que o sul-sudeste concentra grandes recursos, mas quando falamos de uso de substâncias psicoativas, acho que todos estão pouco assistidos. Sabemos também que as principais drogas, como o álcool e o crack, agora adquiriram o caráter de epidemia nacional, reconhecida até mesmo pelo Ministro da Saúde. Tenho viajado o país inteiro e observado que hoje nós temos um grande varejo de venda de drogas de norte a sul, de leste a oeste. Isso é algo novo. Até recentemente tínhamos as drogas concentradas mais no sul-sudeste e nos grandes centros urbanos. Hoje, isto mudou e podemos falar dessa grande rede de varejo das drogas.

Para mim, essa será a grande tarefa da próxima geração de brasileiros e dos profissionais de saúde, justiça e educação: como desmontar essa grade rede. Não tenho uma resposta para isso, mas não tenho dúvidas de que o melhor seria criarmos grupos que produzissem conhecimento na área em todos os estados brasileiros, em todas as universidades. Somente com a criação de conhecimento e de tecnologia é que poderemos enfrentar esse grande desafio dos próximos trinta anos.

